

***Será suicídio se, depois da pandemia,
voltarmos aos mesmos modelos pastorais
que temos praticado até agora***

D. MARIO GRECH



**o Futuro da Igreja
consiste em reabilitar
a Igreja doméstica**



Dom Mario Grech com o papa Francisco. Fotos: ACT Digital

D. MARIO GRECH é o novo secretário-geral do Sínodo dos Bispos. Nascido em Malta, em 1957, foi nomeado bispo de Gozo em 2005, por Bento XVI. De 2013 a 2016 presidiu à Conferência Episcopal de Malta. Em 02 de outubro de 2019, o papa Francisco nomeou-o pró-secretário geral do Sínodo dos Bispos. Nesse cargo, participou no Sínodo da Amazônia. A

experiência pastoral de D. Grech é extensa. A sua simpatia e capacidade para ouvir as nossas questões e propostas deram origem a uma conversa aberta.

Começando pela situação da Igreja em tempos de pandemia – eclesiologia sob *lockdown* [*confinamento*] – e os importantes desafios de hoje em dia, prosseguimos para reflexões sobre sacramentos, evangelização, o significado da fraternidade humana e, finalmente, a sinodalidade, com a qual D. Grech se acha intimamente interligado. Uma parte da entrevista foi dedicada à **“pequena Igreja doméstica”**, e neste caso a conversa foi orientada por um padre e um leigo, que é casado e pai.

A entrevista é de ANTONIO SPADARO, s.j., e SIMONE SERENI, publicada por *La Civiltà Cattolica*, 14-10-2020.

D. GRECH, ESTE TEMPO DE PANDEMIA QUE ESTAMOS A ATRAVESSAR FORÇOU O MUNDO A PARAR. A CASA TORNOU-SE UM LUGAR DE REFÚGIO DO CONTÁGIO; AS RUAS ESVAZIARAM-SE. A IGREJA TEM SIDO AFETADA PELA SUSPENSÃO DAS ATIVIDADES E CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS PÚBLICAS. COMO BISPO E PASTOR, O QUE PENSA DESTA SITUAÇÃO?

Se a encararmos como uma oportunidade, pode ser um momento de renovação. A **pandemia** trouxe à luz do dia uma certa ignorância religiosa, uma pobreza espiritual. Alguns têm insistido na liberdade de culto, ou **culto para a liberdade**, mas poucos falam sobre a liberdade na forma como celebramos. Esquecemos a riqueza e variedade das experiências que nos ajudam a contemplar a face de Cristo. Há quem diga que a vida da Igreja tem sido interrompida! Ora isso é inacreditável. Na situação em que, por prevenção, não pode haver celebração dos sacramentos, não criamos outras formas de experienciar Deus. No **Evangelho segundo João**, Jesus disse à mulher samaritana: “Está a chegar a hora, em que não adorarão o Pai, nem sobre esta montanha nem em Jerusalém. Vocês adoram o que não conhecem, nós adoramos o que conhe-

ceamos, porque a salvação vem dos judeus. Mas está a chegar a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Porque são estes os adoradores que o Pai procura” (João 4, 21-23). A **fideli-dade** ao discipulado de Jesus, não pode ser uma espécie de compromisso temporário entre a liturgia e os sacramentos. O facto de muitos padres e leigos entrarem em crise por enfrentarmos uma situação em que não nos é possível celebrar a Eucaristia *coram populo* é, por si só, muito significativo. Durante a pandemia, verificou-se a emergência de um certo clericalismo, mesmo nos meios de comunicação social. Tivemos ocasião de testemunhar um grau de exibicionismo e pietismo que tem mais a ver com magia do que com uma expressão madura de fé.

SERÁ ESSE O DESAFIO DOS NOSSOS TEMPOS?

Quando o templo de Jerusalém, onde Jesus rezava, foi destruído, os judeus e os gentios, à falta de templo, reuniam-se em torno da mesa familiar e ofereciam sacrifícios com os seus próprios lábios e orações. Quando se lhes tornou impossível continuar com a tradição, tanto os judeus como os cristãos pegaram na lei e nos profetas, e reinterpretaram-nos de uma nova maneira [1]. Eis o desafio que se nos depara hoje em dia. Ao escrever sobre a reforma necessária à Igreja, **Yves Congar** afirmou que o *aggiornamento* desejado pelo Concílio deve ir até à invenção de um modo de ser, de falar e de se comprometer que responda à necessidade de um serviço evangélico total para com o mundo. Em

vez disso, muitas iniciativas pastorais, neste período, estão apenas centradas na figura do padre. A Igreja, neste sentido, parece muito clerical, e o ministério é controlado por **clérigos**. Mesmo os leigos são, frequentemente, condicionados por um padrão de forte **clericalismo**. O *lockdown* [confinamento] que vivemos força-nos a abrir os olhos para a realidade que vivemos nas nossas igrejas. Precisamos de refletir, de nos questionarmos sobre a riqueza dos ministérios leigos na Igreja, de entender se e como eles se expressaram. De que serve a profissão de fé se esta mesma fé não se tornar o fermento que irá transformar a massa da nossa vida?

Será suicídio se, depois da pandemia, voltarmos aos mesmos modelos pastorais que temos praticado até agora

QUE ASPETOS DA VIDA DA IGREJA ESTÃO A EMERGIR DAS SOMBRAS, NESTES NOSSOS TEMPOS?

Descobrimos uma nova eclesiologia, talvez até uma nova teologia e um novo ministério. O que nos indica ser esta a hora de se fazerem as escolhas necessárias para construir um novo modelo de ministério. Será um suicídio se, passada esta pandemia, voltarmos aos mesmos modelos pastorais que temos praticado até agora. Gastamos uma enorme energia a tentar converter a sociedade secular, quando é mais importante convertermo-nos, a fim de alcançarmos a conversão pastoral de que o papa Francisco, tantas vezes, nos fala. Acho curioso que muitas pessoas reclamem por

não poderem receber a comunhão e celebrar funerais na igreja, quando tão poucas se preocupam em **reconciliar-se com Deus e com o próximo**, em ouvir e celebrar a Palavra de Deus, e com a forma de viver uma vida de serviço. No que diz respeito à Palavra, portanto, devemos esperar que esta crise, cujos efeitos se farão sentir durante muito tempo, possa ser talvez um momento oportuno para conseguirmos, enquanto Igreja, colocar, de novo, o **Evangelho** no centro da nossa vida e do nosso ministério. Há, ainda, muitos “**analfabetos do Evangelho**”.

A ESTE PROPÓSITO, MENCIONOU, ANTERIORMENTE, A QUESTÃO DA POBREZA ESPIRITUAL: EM SUA OPINIÃO, QUAL A NATUREZA E QUAIS AS CAUSAS MAIS EVIDENTES DESTA POBREZA?

É inegável que a Eucaristia é a fonte e o ápice da vida cristã ou, como outros preferem dizer, o ápice e a fonte da própria vida da Igreja e dos fiéis [2]; e é igualmente verdade que “a celebração

litúrgica [...] é a ação sagrada por excelência, e nenhuma outra ação da Igreja iguala a sua eficácia com a mesma intensidade” [3], mas a **Eucaristia** não é a única possibilidade que o **cristão** tem

de experimentar o mistério e encontrar o Senhor Jesus. Paulo VI observou isso muito bem, quando escreveu que, na **Eucaristia**, “a presença de Cristo é ‘real’ mas não por exclusão, como se as outras não fossem ‘reais’”. [4] Portanto, é preocupante que alguém se sinta perdido por se ver impedido da prática da **Celebração Eucarística** ou do **culto**, pois isso mostra um desconhecimento

de outras formas de se engajar com o mistério. É uma atitude que não só deixa transparecer um certo analfabetismo espiritual, como é uma prova da inadequação da nossa atual prática pastoral. Provavelmente, no passado recente, a nossa pastoral preocupou-se em conduzir os fiéis aos sacramentos e não em conduzi-los – através dos sacramentos – à vida cristã.

A POBREZA ESPIRITUAL E A AUSÊNCIA DE UM ENCONTRO VERDADEIRO COM O EVANGELHO TÊM MUITAS IMPLICAÇÕES...

Com certeza. E ninguém pode encontrar-se com Jesus sem se comprometer com a Palavra. Em relação ao serviço, aqui vai um pensamento: não será que os médicos e as enfermeiras que arriscaram as vidas para ficar junto dos doentes, não transformaram as enfermarias do hospital em “catedrais”? O serviço para com o próximo, no quotidí-

ano do trabalho, atormentado pelas **exigências da emergência sanitária**, era para os cristãos uma forma eficaz de expressar a sua fé, de refletir uma Igreja presente no mundo de hoje, e já não uma “**Igreja de sacristia**”, retirada das ruas, ou contida para projetar a sacristia na rua.

A fé, na verdade, já não é mais um pré-requisito óbvio para vivermos juntos. A falta de fé, ou dum modo mais claro ainda, a morte de Deus, é outra forma de pandemia, fator de morte das pessoas

ENTÃO, ESSE SERVIÇO PODE SER UMA FORMA DE EVANGELIZAÇÃO?

O partir do **pão eucarístico** e da **Palavra** não pode acontecer sem a partilha do pão com quem o não tem. É a chamada *diakonia*. Os pobres são teologicamente o rosto de Cristo. Sem os **pobres**, perde-se o contacto com a realidade. Por isso, assim como na paróquia é necessário haver um lugar de oração, é importante, também, a presença de um amplo refeitório. A *diakonia*, ou o **serviço da evangelização**, faz-se onde existem necessidades sociais, é uma dimensão constitutiva do ser Igreja, da sua missão. Assim como a **Igreja é missionária por natureza**, dessa natureza missionária flui a caridade para com o próximo, a compaixão, que é capaz de compreender, ajudar e promover os outros. A melhor maneira de experimentar o **amor cristão** é por

meio do **ministério do serviço**. Muitas pessoas sentem-se atraídas pela Igreja, não por participarem das aulas de catecismo, mas por participarem de uma significativa **experiência de serviço**. E este caminho de evangelização é fundamental na atual época de mudança, como observou o Santo Padre no seu discurso à Cúria, no final de 2019: “Já não estamos num regime de cristianismo”. A fé, na verdade, já não é um pré-requisito óbvio para vivermos juntos. A falta de fé, ou dum modo mais claro ainda, a morte de Deus, é outra forma de pandemia, fator de morte das pessoas. Lembro-me da declaração paradoxal de **Dostoiévski** na sua Carta a Fonvizin: “*Se alguém me mostrasse que Cristo está fora da verdade e descobrisse, de facto, que a verdade está*

fora de Cristo, eu preferia ficar com Cristo do que com a verdade". O serviço

torna bem manifesta a verdade própria de Cristo.

O PARTIR DO PÃO EM CASA, DURANTE O CONFINAMENTO, ACABOU POR ILUMINAR A VIDA EUCARÍSTICA E ECLESIAL VIVIDA NA VIDA QUOTIDIANA DE MUITAS FAMÍLIAS. PODEREMOS DIZER QUE O LAR VOLTOU A SER IGREJA, INCLUINDO "IGREJA" NO SENTIDO LITÚRGICO?

Parece-me uma coisa muito evidente. E quem, neste período em que a família não teve oportunidade de participar na Eucaristia, não aproveitou a ocasião para **ajudar as famílias** a desenvolver o seu próprio potencial, perdeu uma oportunidade de ouro. Por outro lado, houve algumas famílias que, neste tempo de restrições, se mostraram, por sua própria iniciativa, "criativas no amor".

Verificou-se isso na forma como os pais acompanharam os filhos nas estratégias de ensino em casa, na ajuda aos idosos, no combate à solidão, na criação de **espaços de oração** e na **disponibilidade para com os mais pobres**. Que a graça do Senhor multiplique estes belos exemplos e nos permita redescobrir a beleza da vocação e dos carismas escondidos em todas as famílias.

FALOU, ATRÁS, DE UMA "NOVA ECLESIOLOGIA" QUE EMERGE DA EXPERIÊNCIA FORÇADA DO LOCKDOWN [CONFINAMENTO]. O QUE NOS SUGERE ESSA REDESCOBERTA DO LAR?

Sugere que é aqui que reside o futuro da Igreja, nomeadamente, na reabilitação da Igreja doméstica e no dar-lhe mais espaço, Igreja-família composta por várias famílias-Igreja. É esta a premissa válida da nova evangelização, que nos parece muito necessária entre nós. Devemos viver a Igreja no seio das nossas famílias. Não há comparação entre a **Igreja institucional** e a **Igreja doméstica**. A grande comunidade Igreja é formada por pequenas igrejas que se reúnem em casas. Se a Igreja doméstica falhar, a Igreja não pode existir. Se não houver Igreja doméstica, a Igreja não tem futuro! A **Igreja doméstica** é a chave que abre horizontes de esperança! Nos **Atos dos Apóstolos** temos uma descrição pormenorizada da **Igreja-família**, a *domus ecclesiae*: "Diaria-

mente, todos juntos frequentavam o Templo e partiam o pão em suas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação" (Atos 2, 46). No **Velho Testamento**, o **lar familiar** era o local onde Deus se revelava e onde a mais solene celebração da fé judaica, a *Pessach*, era celebrada. No **Novo Testamento**, a **Incarnação** ocorre em casa, o **Magnificat** e o **Benedictus** são entoados em casa, a primeira Eucaristia ocorre numa casa, assim como o envio do Espírito Santo no **Pentecostes**. Nos primeiros dois séculos a Igreja reunia-se, sempre, em casas de família.

RECENTEMENTE, A EXPRESSÃO "PEQUENA IGREJA DOMÉSTICA" FOI, MUITAS VEZES, USADA COM UMA CONOTAÇÃO REDUTORA, TALVEZ INVOLUNTARIAMENTE... PODERÁ ESSA NARRATIVA TER CONTRIBUÍDO PARA O ENFRAQUECIMENTO DA DIMENSÃO ECLESIAL DO LAR E DA FAMÍLIA, TÃO FÁCIL DE SER COMPREENDIDA POR TODOS, E QUE NOS PARECE HOJE TÃO EVIDENTE?

Ainda estamos neste estado por causa do **clericalismo**, que é uma das perversões

da vida sacerdotal e da Igreja, embora o **Concílio Vaticano II** tenha

recuperado a noção da família como “Igreja doméstica” [5] e desenvolvido o ensinamento sobre o sacerdócio comum [6]. Ultimamente, li essa declaração num artigo sobre a família. A teologia e o valor da pastoral na família entendida como **Igreja doméstica** sofreram uma reviravolta no século IV, quando se deu **a sacralização dos padres e dos bispos**, em detrimento do sacerdócio comum do batismo, que começava a perder o seu valor. Quanto mais avançava a **institucionalização da Igreja**, mais diminuía a natureza e o carisma da família como Igreja doméstica.

QUEM SÃO OS MINISTROS DESTA “IGREJA-FAMÍLIA”?

Para Paulo VI, o sacerdócio comum é vivido, eminentemente, pelos esposos, fortalecidos com a graça do sacramento do matrimónio [7]. Os pais, portanto, por meio deste sacramento, são, também, os “ministros do culto” que, durante a **liturgia doméstica**, partem o pão da Palavra, rezam com ele, dando-se assim a transmissão da fé para os filhos. O trabalho dos catequistas é válido, mas não pode substituir o ministério da família. A própria **liturgia**

Não é a família que é subsidiária da Igreja, mas é a Igreja que deve ser subsidiária da família. Sendo a família a estrutura básica e permanente da Igreja, uma dimensão sagrada e de culto deveria ser restaurada, a *domus ecclesiae*. Santo Agostinho e São João Crisóstomo ensinam, na esteira do judaísmo, que a família deve ser um ambiente onde a fé pode ser celebrada, meditada e vivida. É dever da comunidade paroquial ajudar a família a ser uma escola de catequese e um espaço litúrgico onde se pode partir o pão na mesa da cozinha.

familiar inicia os membros com uma participação mais ativa e consciente do que a **liturgia da comunidade paroquial**. Tudo isso ajuda a fazer a transição da **liturgia clerical** para a familiar. Seguindo o exemplo da “Igreja em saída”, a “Igreja doméstica” deve orientar-se para sair da casa; portanto, também deve ser colocado em posição de assumir as suas responsabilidades sociais e políticas.

Seguindo o exemplo da “Igreja em saída”, a “Igreja doméstica” deve orientar-se para sair da casa; portanto, também deve ser colocado em posição de assumir as suas responsabilidades sociais e políticas

PARA ALÉM DO ESPAÇO ESTRITAMENTE DOMÉSTICO, ACREDITA QUE A ESPECIFICIDADE DESTA “MINISTÉRIO” DA FAMÍLIA, DOS CÔNJUGES E DA RELAÇÃO MATRIMONIAL PODE E DEVE TER, TAMBÉM, UMA IMPORTÂNCIA PROFÉTICA E MISSIONÁRIA PARA TODA A IGREJA E PARA O MUNDO? DE QUE FORMAS, POR EXEMPLO?

Embora, durante décadas, a Igreja tenha reafirmado que a família é **a fonte da ação pastoral**, temo que, de muitas formas, isso, agora, se tenha tornado, apenas, parte da retórica do ministério pastoral familiar. Muitos ainda não estão convencidos do **carisma evangelizador da família**; não acreditam que a família tenha uma “criatividade missionária”. Há muito para des-

cobrir e integrar. Tive, pessoalmente, uma experiência muito estimulante na minha diocese, com a participação de casais e famílias na pastoral familiar. Alguns casais participaram na preparação do casamento; outros acompanharam os recém-casados nos primeiros cinco anos de casamento. Enriquecidos pela experiência na própria família, os cônjuges não só podem compartilhar

testemunhos de fé encarnados na vida familiar quotidiana, mas também encontrar uma nova linguagem teológico-catequética para a proclamação do Evangelho da família. Seguindo o exemplo da “Igreja em saída”, a “Igreja doméstica” deve orientar-se para sair da casa; portanto, também deve ser colocada na posição de assumir as suas responsabilidades sociais e políticas. Como o papa Francisco referiu, “Deus confiou à família não a responsabilidade pela intimidade como um fim em si mesma, mas o emocionante projeto de tornar o mundo ‘doméstico’”. [8] As famílias “são chamadas a deixar a sua marca na sociedade, encontrando outras expressões de fecundidade que, de alguma forma, prolonguem o amor que

as sustenta”. [9] Um resumo de tudo isto pode ser encontrado no *Documento Final do Sínodo dos Bispos sobre a Família*, onde os padres sinodais escreveram: “A família constituiu-se, deste modo, sujeito da ação pastoral, através do anúncio explícito do Evangelho e da herança de múltiplas formas de testemunho: solidariedade com os pobres, abertura à diversidade das pessoas, custódia da criação, solidariedade moral e material com outras famílias, especialmente as mais necessitadas, compromisso com a promoção do bem comum, através da transformação de estruturas sociais injustas, a partir do território em que vive, praticando obras de misericórdia corporais e espirituais”. [10]

VOLTEMOS, AGORA, A CONSIDERAR UM HORIZONTE MAIS AMPLO. O VÍRUS NÃO CONHECE BARREIRAS. SE OS EGOÍSMOS INDIVIDUAIS E NACIONAIS EMERGIRAM, É CLARO, HOJE EM DIA, QUE SE TORNA FUNDAMENTAL NÓS VIVERMOS UMA FRATERNIDADE HUMANA.

Esta pandemia deve levar-nos a uma nova compreensão da sociedade contemporânea, e permitir-nos discernir uma nova visão da Igreja. Diz-se que a história é um professor que, muitas vezes, não tem alunos! Precisamente por causa do nosso egoísmo e individualismo, temos uma memória seletiva. Não apenas apagamos da memória as adversidades que causamos, como também somos capazes de esquecer os nossos vizinhos. Por exemplo, nesta pandemia, as considerações económicas

e financeiras têm, muitas vezes, precedência sobre o bem comum. Nos nossos países ocidentais, embora nos orgulhe-mos de viver num regime democrático, na prática, tudo é dirigido por aqueles que possuem o poder político ou económico. Precisamos, em vez disso, de redescobrir a fraternidade. Se recuarmos à responsabilidade ligada ao Sínodo dos Bispos, penso que sinodalidade e fraternidade são dois termos que nos vêm à memória.

Numa época como a nossa, em que assistimos a excessivas reivindicações de soberania dos Estados e um retorno ao classismo, os sujeitos sociais poderiam tentar reavaliar essa abordagem “sinodal”

EM QUE SENTIDO? A SINODALIDADE É PROPOSTA TAMBÉM PARA A SOCIEDADE CIVIL?

Uma característica essencial do processo sinodal, na Igreja, é o diálogo fraterno. No seu discurso, no início do Sínodo sobre os jovens, o papa Francisco disse: “O Sínodo deve ser um exercício de

diálogo, sobretudo entre todos vós que participais”. [11] E o primeiro fruto deste diálogo é a capacidade de cada pessoa se abrir à novidade, para uma mudança de opinião, para se alegrar

com o que os outros dizem”. [12] Além disso, no início da Assembleia Especial do Sínodo para a Amazônia, o Santo Padre fez uma referência à “fraternidade mística”, [13] e destacou a importância de um clima fraterno entre os padres sinodais, “guardando a fraternidade que aqui deve existir”. [14] Esta cultura do “diálogo fraterno” pode ajudar todas as assembleias – políticas, económicas, científicas – a tornarem-se lugares de encontro e não de confronto. Numa época como a nossa, em que assistimos a excessivas reivindicações de soberania dos Estados e a um retorno ao classismo, os sujeitos sociais poderiam tentar reavaliar essa abordagem “sinodal”, o que facilitaria um caminho de reaproximação e uma visão cooperativa. Como afirma Christoph Theobald, este “diálogo fraterno” pode abrir um caminho para a superação da “luta entre interesses competitivos”: “Só um sentimento real e quase físico de **‘fraternidade’**, pode tornar possível superar a luta social e dar acesso a uma compreensão e coesão, embora frágil e temporária. A autoridade é transformada, aqui, em ‘autoridade da fraternidade’; uma trans-

formação que supõe uma autoridade fraterna, capaz de despertar, pela interação, o sentimento evangélico de fraternidade – ou o ‘espírito de fraternidade’, segundo o artigo primeiro da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* – enquanto as tempestades da história correm o risco de engoli-lo”. [15] Neste contexto social, as palavras do Santo Padre ecoam, fortemente, quando nos diz que uma Igreja sinodal é como uma bandeira erguida entre as nações, num mundo que clama pela participação, solidariedade e transparência na administração dos assuntos públicos, mas que, ao invés, muitas vezes, coloca o destino de tantas pessoas nas mãos gananciosas de grupos restritos de poder. Como parte de uma Igreja sinodal que “caminha juntamente” com homens e mulheres e participa das angústias da história, devemos cultivar o sonho de redescobrir a dignidade inviolável dos povos e a função do serviço da autoridade. Isso nos ajudará a viver de forma mais fraterna, e a construir um mundo mais belo e digno de humanidade para aqueles que virão depois de nós. [16]

Notas

[1] Ver: HALÍK, T. “*Este é o momento de avançar para águas mais profundas*”. 05 abr. 2020.

[2] Ver: CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum concilium* (SC). 04 dez. 1963.

[3] SC 7.

[4] PAULO VI. Carta Encíclica *Mysterium fidei*. 03 set. 1965.

[5] CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Lumen gentium* (LG).

[6] Ver LG 10.

[7] PAULO VI. Audiência Geral. 11 ago. 1976.

[8] FRANCISCO. Audiência Geral. 16 set. 2015.

[9] Id. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris laetitia*. 19 mar. 2016.

[10] Documento Final do Sínodo dos Bispos. 24 out. 2015.

[11] FRANCISCO. Mensagem de abertura do Sínodo dedicado aos jovens. 03 out. 2018.

[12] Ibid.

[13] Id. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*. 24 nov. 2013.

[14] Id. Abertura da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região da Pan-Amazônia. 07 out. 2019.

[15] THEOBALD, C. *Dialogue and Authority between Society and Church, prolusion at the Dies academicus of the Theological Faculty of Triveneto*. Disponível [neste link](#). 22 nov. 2018.

[16] Cf. PAPA FRANCISCO. Mensagem pelo 50º Aniversário da Instituição do Sínodo dos Bispos. 17 out. 2015.